

CLIPPING

23 de Agosto de 2018
O Liberal – Atualidades, 08

Estruturas de edifícios não sofreram abalos, adianta especialista da UFPA

O tremor de terra registrado em Belém, na terça-feira (21), não causou danos às estruturas dos prédios, garantiu ontem pela manhã o professor Lourenildo Williame Barbosa Leite, da Universidade Federal do Pará (UFPA). “Para causar um dano, o terremoto tem que ser local. O que ocorreu em Belém, ao redor das 18h30 foi nada mais nada menos do que o que repercutiu do terremoto da Venezuela, de magnitude 7.3 na escala Richter. As ondas se propagam pelo subsolo e atingem todas as regiões de uma forma esférica. A onda de

impacto entra em ressonância com a frequência natural do prédio e o prédio balança. Já nos prédios baixos não há esse efeito”, disse ele, que é docente do Programa de Pós-Graduação em Geofísica, do Instituto de Geociências.

Mesmo estando a mais de dois mil quilômetros do epicentro do terremoto, a capital paraense sentiu seus efeitos devido à grandeza do fenômeno. “Um terremoto na escala grande tem uma fratura geológica de mais de 100 quilômetros. Essa energia é liberada para todo o globo. É registrado

em todo o globo, no Japão também”, disse ele. Segundo o especialista, os prédios são feitos para balançar mesmo. “Têm que balançar, mas não afeta a estrutura. Não tem nenhum risco”, garantiu.

O professor explicou ainda que um terremoto grande provoca estragos nas áreas residenciais ao redor. “A gente chama de estragos civis porque pode, dependendo da magnitude, ter deformação da própria superfície. Um lago se tornar uma montanha e uma montanha se tornar um lago”, afirmou. Segundo Lourenildo,

há duas formas de dimensionar um terremoto: instrumentalmente, por meio da escala Richter, e por meio da escala de intensidade. “Quando a dimensão é medida com relação ao efeito sobre as pessoas e sobre as construções civis, se dá o nome de escala de intensidade. Em Belém, ocorreu a escala de intensidade, que é o efeito sobre as pessoas. Algumas se assustaram. Outras sentem tontura e enjoo. Nos apartamentos, luminárias e prateleiras se mexeram”, lembrou. Ainda segundo ele, nos prédios mais altos a manifes-

tação durou alguns segundos e os prédios deram cinco ou seis balançadas.

O professor da UFPA acrescentou que o fenômeno, que já ocorreu antes em Belém, voltará a se repetir no futuro. “Em 1998, 26 prédios foram evacuados aqui, por causa de um tremor no Caribe. O nosso trabalho é mitigar. Não há predição de terremoto, que é a explosão das rochas. Predição é cálculo. Previsão é análise. A predição de terremoto, a curtíssimo prazo, de minutos, não tem”, explicou. E disse que há, sim, previsão para ocorrência

de terremotos a longo prazo, para períodos longos - nos próximos 10, 30, 50 anos, dependendo da região e com base em ocorrências anteriores.

Há, também, áreas propícias para o registro desse tipo de fenômeno - o Nordeste no caso do Brasil. Em Belém, nenhum órgão faz esse tipo de monitoramento. “Esse terremoto na Venezuela não foi pior porque foi relativamente profundo, 130, 140 km de profundidade. Com isso, o poder de devastação dele é bem menor. Ele seria devastador se fosse raso, a 10 km”, acrescentou.